

CANIBALISMO PRÉ-ONTOLÓGICO

Andrew Oliveira de Oliveira¹

Onde se encontra o sujeito ao se relatar? Ele permanece imutável a partir desse registro? Que vestígios o mesmo deixa após a enunciação? Seriam eles novos, seriam eles velhos, cabais? Definitivamente, o sujeito não está empiricamente nas palavras em que enuncia, nelas há um histórico que antecede a sua presença, um interdiscurso dado e estabelecido para suas formações discursivas para com os outros (Pêcheux, 2014). É por de trás delas que ele pode surgir, mas apenas quando equívocos são cometidos e nessas fissuras revela-se a oportunidade de romper as estruturas topográficas da psique. Dessa forma, podemos apontar a presença de um relicário como estatuto do discurso, dentro dele um ser, escondido; ou melhor, podemos imaginar que suas palavras emergem para além de suas cordas vocais, advindo do seu estomago no qual encontraremos resquícios de outrem, isso devido ao fato do mundo constantemente se consumir, digerindo todo conteúdo apreendido a partir do social, do outro, absorvendo para si as partes que lhe melhor se apresentam como possibilidades de construir um corpo, e as descartáveis restaria o destino dos dejetos. Nisso, percebemos que o Eu se produz a partir do outro, do social e, por conseqüência, do mundo, para isso ele deve consumir os espaços e objetos ao seu redor, esses que por sua vez só são possíveis devido a sua existência singular. Logo, há sempre um eterno retorno para esse ciclo, o qual se contempla como um evento canibalístico, pois das relações desarmônicas em que somos alocados no plano do discurso vemo-nos impedidos de imprimir um Eu, e para reivindicarmos um passamos a consumir cada partícula do outro em seu sentido ontológico. Nesse sentido, o sujeito necessita do outro para se identificar enquanto semelhante, acabando por canibalizar a sua própria identidade em um jogo onde ele não sabe onde o mesmo começa e, por essa mesma razão, onde termina — efeito do que esboçamos como canibalismo pré-ontológico.

Portanto, busca-se com esse ensaio explorar o processo de canibalismo no discurso e como o mesmo apaga, altera e reescreve a memória dos sujeitos. Sendo assim, seria possível falarmos sobre um ser maciço, opaco, indiferente a alteridade? Logo, um ser que coincide consigo mesmo, apenas sendo o que se é? Existe margem para que ele venha a surgir, mas para isso é necessário que o sujeito diante dos equívocos, dos atos falhos, das faltas no discurso, interceda pela sua própria libertação, elegendo-a, saindo das margens subjetivantes do sistema.

É a partir das partes descartadas do outro que encontraremos uma marca genuína do ser, pois enquanto os seres consomem uns aos outros, as partes que não coincidem com eles é descartada, hostilizada, excluída, pois a materialidade do sistema fará com que o próprio sujeito adote para si os componentes que o deixem em estado de latência, afastado de um devir revolucionário, o corpo deve estar em “perpétua pulverização” (Foucault, 1979). É nesses restos que há uma falha, a própria expressão da

¹ Graduando em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande — FURG.

falta, uma possibilidade para se ver livre da alienação, o que não é aproveitado pelo sistema de alguma forma vem a ser eliminado pelas máquinas sociais, ou pelo menos dissimulada de sua verdadeira face. Nos dejetos, particularmente, pode situar-se as marcas que o homem deixa sobre a terra em sua forma mais genuína, sendo total por si só, esses vestígios manifestam-se como um alerta para o sistema, pois é neles que está contida a memória primitiva de que todos já foram o mesmo corpo, e por via dos zeugmas na linguagem e dos impostos pela alteridade que o homem é deformado para uma forma dita “exclusiva” cujo se vê diferenciado do outro, um estado de mente e de estar fácil de narrar, de redecodificar quando não mais se demonstra proficiente para o sistema, ou quando seus lapsos deixam de ser convenientes, levando-o a entender o regime assujeitador em que está preso.

Deve-se salientar, neste momento, que o canibalismo nesse estudo não surge como o ato consciente ou inconsciente de uma determinada espécie ao consumir a carne orgânica de forma irreversível de seus semelhantes, mas sim como um processo evolutivo advindo das revoluções e mutações observadas na sociedade contemporânea, sendo que o mundo e todos os componentes situados nele estão engendrados, não há como pensar o homem separadamente, uma vez que o mesmo teve sua figura composta “nos interstícios de uma linguagem em fragmentos” (Foucault, 2002). Nesse sentido, o canibalismo no presente trabalho não deriva da ideia estrita da antropologia que reforçou estigmas étnicos a partir das pesquisas realizadas em campo com comunidades indígenas, ao contrário, esse termo manifesta-se para evidenciar o ato de consumir o outro em um estado ontológico, fazendo os sujeitos se articularem/constituírem a partir do outro, que em certa medida, consome o Eu para se articular/constituir, fazendo do processo de reconhecimento de si e, por conseqüência, relato de si, torne-se demasiadamente intrincado e enigmático, pois se o sujeito não possui a capacidade de determinar onde o mesmo começa para estabelecer para si uma marca no mundo, de que forma ele poderá enunciar com razão qual a condição que estabelece a sua identidade? A oralidade do sujeito estando restrita ao outro, e vice-versa, enfatiza a complexidade das palavras a serem verbalizadas para revelar um corpo sem destituir do outro a mesma possibilidade. Por meio desse conflito que surge a falta.

Entretanto, a falta não é condição para o desejo, diferente do que é pregado pela psicanálise Lacaniana. Deleuze e Guattari (2011) apontam que o desejo não surge para o sujeito como falta, movimentando-o no liame social de tal forma a nunca realiza-lo, assimilando dele o gozo momentâneo, uma vez que o objeto de desejo se deslocará para manter a sua condição de impossibilidade. Pelo contrário, para esses autores o desejo é produção, sendo ele interpelado pelas máquinas sociais, podendo elas desarranjarem ou não as possibilidades dos sujeitos de se depararem com o seu próprio reflexo, não enquanto processo de porvir outro, alheio ao seu Eu, mas sim como imago em completude amparada no seu próprio devir.

Os discursos estão vinculados a materialidade histórica, sendo a linguagem então articulada pelo encadeamento entre o poder e o saber. Assim sendo, ver-se-á como a realidade discursiva irá criar o ser, sendo ele um efeito da linguagem, pois o sujeito é construído discursivamente a partir do que o mesmo

enuncia ou do que é dado a ele, assim como o corpo, que recebera um novo estatuto com o passar do tempo, efeito provocado pelas modificações discursivas, fazendo o ser se perceber de determinada maneira quando atrelado à lógica dos dizeres acerca dele (Foucault, 2012a), processo imposto sobre a memória.

Mesmo o ser não verbalizando ao mundo o seu âmago, ele é paralelamente governado pela linguagem, sendo atravessado por ela, consumindo a mesma em um outro, e, também, ao ser canibalizado por ela. É nesse momento que retornamos ao canibalismo pré-ontológico anterior ao ato físico, insaciável, mordaz, aberrante, pois é na linguagem que existe a potência para nos conduzir ao mundo, a possibilidade de encontrar no outro o registro de humanidade que por vezes nos falta, ou os vestígios negados para se fazer humano. Isso pois, o funcionamento da mesma se ancora ao liame social, imprimindo-se no ser falante (Lacan, 2008a), essa característica permite uma articulação entre os seres que se designam a partir do discurso. O ato canibal, ao mesmo tempo, pode irromper sem a depravação da instancia orgânica e de mesma forma sucedendo sem a expressão de palavras, escapando ao mundo consciente, no instante em que certos atos extrapolam o acordo das enunciações, uma vez que os mesmos “se inscrevem no âmbito de certos enunciados primordiais” (Lacan, 1992, p. 11). Aponta-se tal efeito ao ver como o próprio coletivo consome a si próprio, reproduzindo condutas de outrem e por vezes perdendo o horizonte do posicionamento primevo, mesmo mantendo em si a origem de tais postulados. Esse esquecimento, ainda vinculado empiricamente aos conceitos que induzem a instancia da oralidade enquanto maquina fisiológica, advém de uma digestão que mistura o Eu ao outro, esse por sua vez em algum momento já haveria ingerido aspectos desse Eu apresentado a ele, incorporando para si fragmentos de um corpo livre do seu e, ainda assim, parte sua, considerando que o devir da existência é uma metamorfose transversal e paralela nos seres, misturando-os e os revolucionando para outras margens da hiância, fazendo emergir um inconsciente descontínuo aliado à pulsão e ao simbólico (Lacan, 2008b). Dessa forma, ora se abrindo, ora se fechando, e na descontinuidade gerada por esses intervalos que o eu pode se revelar, pois nesse momento pode se introduzir a lei do significante e tocar o real, devido ao estado de vacilação no qual o sujeito se encontrará.

Nessa abundância de oscilações impostas para serem assimiladas pelos sujeitos, os quais se vêm desafiados no jogo de interpretações, uma vez que o sentido dos enunciados pode derivar outros que não o seu dependendo do contexto, abrindo lugar para objetos que oscilam em torno das áreas discursivas (Pêcheux, 2015). Devido a esses espaços e as metamorfoses condicionadas por esses espaços de deriva que podemos falar de um sujeito jamais terminado, jamais existente, pois ele o sendo singular de mesma forma procura características em si para se traduzir como único para os outros, aqui se encontra o risco de tratar o sujeito apenas como um significante, visto que o mesmo demanda por sentido. É nesse momento que a luta por sentidos se estabelece, pois o homem teme o real, de nunca ser o suficiente para tocá-lo, senti-lo, por isso é do outro que o Eu se produz imaginariamente distinto. Entretanto, a estranheza do outro nunca deixa de habitar e pulsar no sujeito, que diante dessa indeterminação de negar ou aceitar o outro acaba por absorvê-lo, e nessa dificuldade de assimilar que o homem tem sua memória arruinada. É nesses espaços de dúvida ue se descobre um Eu, o qual o sistema esgotará a narritividade, ressimbolizando ele,

consumindo-o para impedi-lo de se distinguir do outro, instigando-o a se apropriar do que é melhor no outro para si, ao mesmo tempo em que o mundo exige dos sujeitos traços genuínos de humanidade, quando ela já está distante e dissipada no processo canibal das revoluções existenciais.

Esse surgimento do outro no Eu sintetiza estruturas discursivas intrincadas no corpo, onde os regimes de verdade vão estabelecer no ser identidades descontínuas, permitindo ao Outro o poder para exercer controle sobre os signos a serem assimilados como partes constituintes de um organismo. É realizado através desse percurso a aplicação de lineamentos que delimitam órgãos que vão detalhar os gestos e as reticências, os silêncios e os ruídos, os discursos e as revoltas possíveis para que esse organismo exerça. O sujeito sendo ocupado por diferentes cartografias se encontrará em um estado de sedação, enterrado dentro de uma armadura enferrujada, sem saber se ela é sua verdadeira superfície, seu estado consciente que intermedeia suas relações com o exterior, ou seu cárcere.

Se os homens se nomeiam talvez não haja um entendimento aprofundado acerca do que os mesmos vêm clamando enquanto liberdade, não há na mesma via compreensão suficiente sobre os objetos a serem estudados, pois se todos são, em parte, o mesmo organismo alterado para não se perceberem enquanto unidade, ao narrarem esses outros devires eles estão ao mesmo tempo estudando a própria existência, onde o referencial comum é sempre o Nós, digerido ao ponto de não se perceber a especificidade fragmentada que todos compartilham. É através da ruptura da memória que a alteridade reescreve a história dos sujeitos e de mesma forma os mobiliza no fio do discurso, fazendo-os se enunciarem de maneira a se manterem parcialmente vivos, pois eles para sempre estarão deslocados, e não é surpresa se deparar com esse tipo de influência, uma vez que o homem tem seu corpo arruinado pela história (Foucault, 1979). Através do discurso autodegustado que perpetua esses corpos pulverizados pela materialidade que veremos o arquétipo social de seres docilizados a ser atingido através do embate entre as relações de poder, as quais irão determinar a maneira de se comportar e refletir (Foucault, 2012b).

O sujeito acredita ser origem do seu próprio discurso, mas o mesmo é atravessado por uma rede de memórias, onde os sentidos são frutos do coletivo (Orlandi, 2020). Assim o homem acredita ser natural da sua própria permanência, acreditando em um mundo transparente, entregue com clareza para que o mesmo explore, fazendo-o crer em uma forma de se fazer ser natural, intrínseca ao seu ser, imanente de sua condição, quando, ao contrário, é uma ilusão, sujeito e sentido não são individuais, nem se apresentam já produzidos, eles são produzidos “através de procedimentos que desvendem a historicidade contida na linguagem em seus mecanismos imaginários” (Ferreira, 2003). Através das lacunas que a memória irá se reconstruir, forjar-se, sendo preenchida pelo imaginário. Entretanto, essa criação de discurso comum não é pleno, ele não pode ser o mesmo para todos, por isso ela desliza, para manter o esquecimento. Assim, o choque entre os sujeitos faz ela se imbricar, mostrando que a mesma além de retomar o passado, também o elimina, pois os acontecimentos fogem à inscrição, ou são absorvidos por ela sem se fazerem notar (PÊCHEUX, 1999). Dessa maneira, a formação discursiva do ser é em parte inovadora, mesmo que retirada do seio do mundo, logo, de si mesmo, pois a memória anterior foi apagada, assim estabelece condições

novas para existir, essas que serão fruto para um outro digerir e transformar em algo novo, para voltar a ser consumido pelo Eu, mesmo ele sendo causa primeira de um acontecimento anteriormente inscrito na memória, mas não percebido.

O consumo de imagens, discursos, sons, comportamentos, sensações, todas as possibilidades que fazem de uma pessoa parte integrante da humanidade é invariavelmente e continuamente bombardeada por modelos de interpelação ideológica que afastam essas mesmas pessoas de seu âmago, não para complexificar os sujeitos, mas sim para simplifica-los. Facilitando, por consequência, a coação pela qual eles serão compelidos a perpassar, visto que para constituir-se enquanto parte de um coletivo em certo sentido é necessário perder o seu próprio caminho, não olhar para o horizonte e o vê-lo como partido e fragmentado, mas sim como completo em si mesmo, é preciso docilizar o corpo, a alma, a psique, a carne. Contudo, é na espontaneidade que é possível retomar para si parte de uma vida anterior, é no equivoco, no ato falho que surge um desejo que não corresponde aos objetivos do sistema, é dessa falha que irrompe um Eu.

Assim o sendo, o sistema não precisa da carne para saber dos sonhos, ele anseia agora pela alma hermética, para eterniza-la em significados ordinários, pois ao resumi-la tem-se o poder para ocultar do sujeito todos os sentidos da sua condição, os quais podem fazer o Eu tocar o real e se ver para além da armadura na qual fora enterrado. Para isso, a produção do discurso será redistribuído de forma a determinar certos procedimentos que irão interditar os circuitos pelos quais o sujeito poderá se expressar (Foucault, 2004). Porém, é também através da língua o direito da deriva, da permanência, da incompletude, de preservar parte da identidade (Milner, 2016).

Portanto, é através do discurso que os sujeitos se consomem, tanto a si mesmos, quanto aos outros e ao mundo, que em dado momento fora um único ser, que se metamorfoseou e na dispersão do discurso se dividira, criando a falsa sensação de estar diferenciado do restante. Assim, é necessário se esquecer para lembrar, é no próprio ato do discurso enquanto ele tropeça que o ser passa a notar o outro não apenas como seu semelhante, mas como um reflexo ocultado dele, pois o sistema faz uso do discurso e da linguagem para interferir na memória, instigando o homem a devorar seu redor sem se acometer do fato de estar injuriando a sua própria condição de existência, é através do canibalismo pré-ontológico que a alteridade passa a mobilizar o coletivo, de forma a impedi-lo de se rebelar, pois “as histórias não captam o corpo a que se referem” (Butler, 2015, p. 54). É no próprio discurso advindo do outro que os sujeitos irão se defrontar com sentidos primitivos, anteriores a sua concepção, quando o mundo não fora segregado pelas lutas de poder, processo que inscreve os seres em um estado intermitente e latente de lembrar-se e de relatar-se, porém, passível de remontar a historicidade anteriormente olvidada pelos interesses ideológicos do discurso, momento em que o Eu pode relatar sua liberdade.



REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O anti-édipo**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. **Organon**, v. 17, n. 35, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012^a.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins, 2012b.
- FOUCAULT, M. **As Palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- LACAN, J. **Seminário**, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008^a.
- LACAN, J. **Seminário**, livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- LACAN, J. **Seminário**, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.
- MILNER, J-C. **O amor da língua**. São Paulo. Editora Unicamp, 2012.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: Princípios e procedimentos. 13. ed. São Paulo: Editora Pontes, 2020.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso**. Estrutura ou acontecimento. São Paulo: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2.ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In*: ACHARD, P. *et al.* (org.). **Papel da memória**. Trad.e introd. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.